

TOME SUA CRUZ E SIGA-ME
TORNANDO-SE MAIS FIEL A JESUS CRISTO
Deirdre Brower Latz, Nazarene Theological College, Manchester, UK.

A comunidade Iona, uma comunidade cristã numa ilha histórica na Escócia, faz um lindo convite para a comunhão. Ela chama a todos que estão “na companhia de Jesus para chegar à mesa – tendo eles muita fé ou pouca, buscam a Jesus ou estão perdidos – eles são bem-vindos aqui como pessoas que caminham com Jesus”.¹

Ao pensar sobre esse tema ‘**Tome a sua cruz e siga-me** – Tornando-se **mais** fiel a Jesus Cristo’, como uma teóloga pastoral e prática, eu fico tocada pelas muitas formas que nos encontramos ouvindo essas palavras. Estamos juntos como viajantes parceiros no caminho de Jesus; globalmente há algumas verdades centrais que nos unem ao mesmo tempo que nossos contextos estão nos moldando de forma singular como cristãos. O credo antigo, Cristo morreu, Cristo ressuscitou, Cristo voltará, encontra-se aqui. A realidade que o Espírito Santo é derramado sobre todas as pessoas, homens e mulheres, opera entre nós. A primazia de nossas vidas, dada para Cristo e seus caminhos através da/s conversão/ões e, assim, transformando-nos em seguidores santos a caminho de Cristo, está funcionando aqui. E, é verdade para muitos de nós, “a imagem de Jesus carregando sobre seus ombros o peso intolerável da grande cruz ... é a imagem primordial para o entendimento e explicação da verdade cristã”.² Ao mesmo tempo, somos diferentes uns dos outros. No que podemos concordar quando falamos de seguir **mais** fielmente? O que significa ouvir o chamado de ‘tomar a cruz e seguir’?

¹ Adaptado de Wild Goose Worship Group. *A Wee Worship Book*. Glasgow: Wild Goose Publications, 4ª edição, 1999.

² Koyama, Kosuke. *No Handle on the Cross: An Asian Meditation on the Crucified Mind*. Eugene, Oregon, Wipf and Stock, 2010. 7.

Ao considerar isso, eu acho que discipulado fiel é formado de muitos modos – e eu os considerarei sem uma ordem de prioridades (pois eu não acho que você pode ter um sem o outro). Eu escolhi estender o verso selecionado para o tema da conferência que eu recebi – e trazer para ele as partes anteriores dos textos ‘negar a si mesmo’, ‘estar pronto para negar até a sua própria família’ e seguir-me. Neste artigo, eu estou argumentando que tomar a cruz demanda uma renovação de nossa visão da cruz, tanto de forma pessoal quanto corporativa, e é centrada **tanto** na igreja **quanto** no mundo. No âmago do que estou dizendo está o seguinte: a *marca* da cruz ainda deveria significar algo para as pessoas que declaram seguir a Jesus e tornar-se mais fiel a isso é o nosso principal chamado.

O Contexto e a Cruz

Os contextos onde nos encontramos quase que certamente desafiam ou moldam a nossa percepção do que significa ser um discípulo moldado pela cruz. Alguns cristãos encontram-se perseguidos, seus lares, seus corpos, literalmente marcados por uma cruz – geralmente levando-os para a morte ou sujeitando-os a violência extrema.³ Outros de nós, em sociedades mais seculares, achamos que a ‘cruz’ pode ser um pouco mais do que um símbolo vazio, por vezes um símbolo revestido de ouro apontando para a domesticação de fé e as declarações de Cristo. Em algumas culturas ‘cristãs’, a cruz tem sido, ou é, apropriada para promover guerra, retórica política ou violência praticada contra os outros. Tomar a cruz, então, não é tão simples quanto parece. Seu significado deve ser trabalhado de uma forma que desafie os entendimentos da cruz que têm sido moldados culturalmente. Entretanto, há alguma forma de discernir temas comuns de discipulado que podem **sempre e em todo lugar** nos ajudar a sermos seguidores de Cristo

³ e.g. <http://www1.cbn.com/cbnnews/cwn/2017/august/indian-christians-experience-record-breaking-persecution-in-2017>; http://www.huffingtonpost.com/alon-benmeir/the-persecution-of-christ_b_13652002.html both accessed Oct 2017.

mais fieis? De quem é essa cruz? Eu defendo que há sim e até aqui parece que devemos negociar como entendemos a cruz mais uma vez para a nossa geração.



4

Recuperação da Imagem

Em muitas culturas, a cruz se apresenta como um agente de opressão. A violência relacionada a ela é promovida por cristãos sobre outros, não necessariamente de forma física, às vezes com suas palavras violentas. Isso é vergonhoso. Ainda em outros ambientes de escândalo/ofensa a cruz tem sido tão domesticada que ela é esvaziada de todo o seu significado e, na melhor das hipóteses, é uma indicação de uma religião influente do passado com alguma tração no presente. Provavelmente em outras, há algo entre essas opções. Em muitas culturas, é preciso ter um

⁴ "Machine Gun Jesus (gold)" resin and Uzi by Barbosa Prince (c) 2014

esforço articulado para recuperar a imagem da cruz. Isso tem várias dimensões. Primeiro, em sua *violência* ao Humano; segundo, em suas *ramificações políticas* do Humano resistindo ao ‘império’. Terceiro, na terrível realidade da morte criminosa praticada sobre o inocente; quarto, na verdade de que isso foi executado na capacidade de um estado de atuação religioso. A cruz em toda a sua feia inocência, traída e destruída, deveria ser lembrada, redescrita, restaurada e o efeito instantâneo da morte de Cristo que levou e o inseriu no escárnio/vergonha jamais esquecido. Então, também, o efeito contínuo da cruz-como-vergonha no círculo da família e amigos de Cristo; as manchas e malícias que são relacionadas a cruz de alguma forma precisam ser parte de nossa reflexão. Não somente em ambientes teológicos do que está acontecendo aqui, mas como um lembrete de que o que está acontecendo aqui é algo que os seguidores de Cristo são chamados para ‘tomar’. A cruz em sua vergonha, sofrimento e dor precisa ser uma precondição de qualquer entendimento de seu poder de ressurreição e sua glória. Redenção custa. Essa purificação da cruz é imperativa; não por um chafurdar sangrento no sofrimento, ou uma obsessão macabra pela dor, mas porque a humilhação e vergonha da cruz são fundamentais para o nosso entendimento de quem nós somos quando respondemos ao chamado para tomar a cruz. Nossa caminhada ‘mais fiel’ que leva a cruz mais à sério falando conosco sobre o que é que estamos tomando. Participamos “no sofrimento redentor de Cristo em nome da criação quebrada e sangrando, que não pode se redimir sozinha. Então, eu nunca posso focalizar na cruz por si só”.⁵

Envolvida na recuperação desta imagem, então, somos levados à uma resposta na forma de um discipulado moldado na cruz de forma pessoal. Um chamado muito fácil nos leva a uma

⁵ Kent Brower, correspondência particular, Out, 2017.

resposta confortável. Como Bonhoeffer (e outros antes e depois) o chamado para um discípulo de cruz ‘custa muito’.⁶

⁶ Dietrich Bonhoeffer. *The Cost of Discipleship*. New York, The Macmillan Company, 1966.

Discipulado Pessoal, Moldado na Cruz

O discipulado da cruz demanda consideração do que significa ser um discípulo, um seguidor do caminho de Jesus. É imperativo e vital que cada geração reaprenda como o discipulado acontece – contra-culturalmente, encontrando Deus encarnado entre *nós*. É recuperar a estética do discipulado que é formado por uma forma de seguir **pessoal** – seguindo com compromisso, que é o que transforma o ser interior de orgulhoso para humilde, de presunçoso para acolhido na justiça de Cristo, de superior para inferior, de pecador para santo, esse realinhamento profundamente pessoal com a maneira pela qual Deus trabalha **na pessoa** ao decidir viver uma vida moldada na cruz. Na tradição evangélica wesleyana tais vidas, então, são moldadas em práticas de piedade – oração, Bíblia, fidelidade a tradição, envolvimento ativo em maneiras de viver que são ligadas ao testemunho e ao chamado de um estilo de vida de santidade. Tal transformação *pessoal*, que voluntariamente toma a cruz para seguir, é a resposta mínima necessária para o chamado de Deus (embora a questão se ela precisa ser trabalhada em piedade convencional ser outra coisa. Só estou descrevendo aqui e não prescrevendo): quer dizer, **Eu, um humano, ouço o chamado e sigo.**

Seguir pessoalmente também precisa envolver constante crescimento em maturidade: O significado de seguir não é estático; pelo contrário, ele evolui com o passar da vida de seguidor. Tal entendimento profundo é através de envolvimento fiel com a vida bíblica, atenção cuidadosa para a história da missão de Deus e sua estranheza para nós, além da dinâmica reveladora de Jesus. O discípulo perseverante é moldado por centenas de encontros de obediência de uma vida inteira como seguidor fiel. Tais encontros irão, inevitavelmente, estar em resposta a realidade presente do discípulo: na Índia será diferente do Reino Unido, da Argentina, do México, da Austrália, do Japão. Realmente, de vila a vila, de cidade em cidade, seu formato será diferente.

Entretanto, há momentos, mesmo na nossa história, que seguir tem sido visto como um discipulado estático; uma vez que começou, seria sempre o mesmo. Então, é verdade que “os tempos verbais negar/tomar/seguir continuam sendo importantes. Os dois primeiros são aoristas—ação completa, não somente um ponto de ação, mas ‘uma vez por todas’. O último é presente contínuo, sem um ponto final”.⁷ É esse SEGUIR PRESENTE CONTÍNUO, SEM UM PONTO FINAL, que que quero destacar. A forma mais verdadeira, então, continua no ‘siga-me’. Esse seguir, entretanto, é **perturbador** para estados de complacência. Seguir a Jesus não é, aparentemente, tão simples como soa. Certamente, consentir seguir é algo relativamente direto, mas e a prática contínua desse seguir...?

Discipulado verdadeiro coloca a lealdade a Cristo acima de qualquer outra lealdade a sistemas, pessoas, política ou práticas religiosas. Essa conversão do profundo ao mais profundo espelha os primeiros discípulos, que encontravam seu discipulado tanto fixado em uma pessoa (Cristo) quanto maleável em um mundo que precisava ouvir a Sua história. É vital um discipulado que se expanda em fidelidade para ir além de qualquer estado presente para encontrar com Deus de forma profunda e com autonegação, mais do que como um fim em si mesmo. “A mensagem da cruz chega a nós e sacode a nossa espiritualidade e mentalidade”⁸, nos tira de nossa complacência ou vida confortável e nos força a considerar onde estamos como discípulos e como o nosso discipulado testemunha Cristo em nossas próprias culturas. Então, discernimento e desafio moldam o nosso discipulado. A nossa fidelidade é marcada pela nossa disposição em seguir o caminho de Jesus até o ponto de morte na cruz. Tal morte pode ser literal

⁷ Dwight Swanson, personal email correspondence, September 2017. Of course, echoed in Luke’s version – ‘take up your cross daily.’

⁸ Kosuke Koyama. *No Handle on the Cross: An Asian Meditation on the Crucified Mind*. Eugene, Oregon, Wipf and Stock, 2010, 8.

ou metafórica. Morrer para si mesmo toma formas variadas nas culturas onde habitamos. A trajetória do discipulado que pega crenças e práticas religiosas que já foram queridas e adotadas e as traz à uma nova luz, entendimento e fidelidade mais profundos é significativa para o nosso entendimento de fidelidade. Veja, por exemplo, o famoso desafio de Pedro para ‘matar e comer’ comida proibida aos fieis seguidores da Torá, porque, como a voz do céu lhe disse: *‘Não chame impuro o que Deus purificou’*. (Atos 10:15 NVT) Este discipulado, então, enfrenta o ‘mundo’ fora das nossas normas vividas com coragem e desejo de ir, comunicar, adotar e declarar as boas novas – mas isso também confronta os nossos mundos religiosos cujo comprometimento preso a ideias específicas, localizando Deus em regras fixas, promovendo a conformidade a certas ideias culturalmente moldadas, não parecem ágeis o suficiente para abraçar a verdade dinâmica de que o amor de Deus é diversificado e confuso.

O discipulado é marcado por autonegação, não de maneira doentia ou nada saudável, mas no sentido de pedir a Deus, pelo Espírito, que ele nos interrompa. Esse tipo de autonegação pode nos desafiar a ir contra nossos próprios destinos, interesses, ideias, seja de religião, segurança, bem-estar, conforto, paz, riqueza, família ou outros ídolos que nossas próprias sociedades constroem. A **autonegação** é uma característica radical de ‘tomar’ o discipulado e é parte do aprofundamento do relacionamento com o amado. Submeter-se a vontade de alguém completamente cria a possibilidade de momentos de mudança profunda e possível risco, exemplificado pela forma como Jesus abraçou a vontade do Pai no Jardim que o levou a um profundo momento de autonegação diante da cruz. A orientação do discipulado moldado na cruz é para ser totalmente de Deus “que entra na condição humana de sofrimento e alienação, a abraça

e a transforma”.⁹ E assim, nós também somos chamados para entrar na condição humana e, de forma muito semelhante, nos entregarmos pelos outros. Apegar-se a forma de Deus de entregar a vida no mundo carrega um desapego da maneira pela qual o nosso mundo busca dar a vida por si mesmo. A natureza sacrificial dessa ideia não é santificar o sofrimento, mas, ao invés disso, conformar os seguidores de Jesus a uma maneira de participar na ação de virar o mundo de cabeça para baixo **para que ele esteja em sua forma correta novamente**. Compartilhar o sofrimento de Cristo, participando na vida de Cristo, é vital. Imerso no mundo, o discípulo moldado pela cruz encontra-se tanto apaixonado por ela quanto desprezado por ela. Ela cria dor. Sofrimento. Ela cria momentos de ressurreição.

Entretanto, por mais *pessoal* que seja seguir, a realidade mais ampla do discipulado é que ele é inerentemente corporativo. A forma de seguir enraizada nos caminhos de Cristo é ligada a ser dentro do corpo de Cristo. O nosso seguir ‘de forma mais fiel’ será tanto corporativo quanto pessoal.

Pertencimento Corporativo é Parte de Discipulado Fiel:

O significado de seguir de forma corporativa nem sempre tem sido entendido. Despedaçar normas e preferências culturais de reunião, seja somente como um ritual de adoração ou uma opção pessoal para conexões sociais, o alvo de entender o discipulado como corporativo vai além disso. Reunião corporativa, do corpo de Cristo, é também entendida em um seguir moldado pelo cruz, numa ação radical e subversiva, **por amor a outros**. Enraizado nos caminhos de Cristo e mantendo-se junto de seu povo, faz o discipulado dentro do corpo tornar-se familiarizado com o sofrimento e solidariedade, contra injustiça em qualquer forma encontrada. Já que ‘a cruz foi a

⁹ Kent Brower. ‘We are able’ Cross-bearing discipleship and the way of the Lord in Mark.’ 2007. 4.

crítica de Deus ao poder¹⁰ o corpo é chamado para discernir onde o poder é distorcido. A cruz também torna-se o que aponta para o modo de existência do corpo – aos limites da respeitabilidade, às pilhas de lixo da sociedade, aos lugares onde o inferno aprisiona vidas e pessoas vulneráveis são exploradas e desprezadas. A estância corporativa do discipulado compartilhado moldado na cruz ainda chama a igreja para ações comprometidas que reflitam esperança redentora, justiça, misericórdia e graça. Não são meramente ações de cura, liberdade e proclamação de Cristo, mas é seguir a Cristo em lugares onde as mesas precisam ser viradas. Isso, às vezes, leva à cruz.

O caminho de Jesus nos ensina corporativamente a enfrentar os nossos medos da morte, desespero, inferno, rejeição, violência e dor para viver fielmente na liberdade em Cristo que declaramos. Já que ‘não somos mais sujeitos a carne’, os discípulos são levados para comunidades que identificam e existem para ‘o menor desses’. Ao levar à sério os mundos onde habitamos, descobrimos os lugares mais marcados por gerações que viveram traumas e deslocamentos, por injustiça e falta de voz, e, porque “a Cruz é o símbolo mais empoderador da amável solidariedade de Deus ‘pelo menor destes’, os indesejáveis da sociedade que sofrem diariamente por grandes injustiças. Cristãos devem encarar a cruz como a terrível tragédia que foi e descobrir nela, pela fé e arrependimento, a alegria libertadora de salvação eterna”.¹¹ Entretanto, essa salvação eterna é trazida ao presente pela cruz de Cristo. E é essa perspectiva escatológica que impulsiona os discípulos AGORA a envolverem-se em práticas de justiça que moldem o mundo onde vivemos de maneiras que reflitam os propósitos de Jesus de cura e restauração definitiva. Os cristãos deveriam alinhar-se com o cuidado pelas viúvas e órfãos,

¹⁰ James Cone. *The Cross and the Lynching Tree*. New York, Orbis, 2015. 2.

¹¹ Cone. *The Cross and the Lynching Tree*. 156.

incluindo o cessar daqueles caminhos da vida que criam, exploram ou pioram a vida de viúvas e órfãos. Os caminhos mais fieis de seguir serão moldados por justiça corajosa.

Esse entendimento de solidariedade e envolvimento corporativo é uma forma bem wesleyana de discipulado. Envolver-se criativamente no mundo, nas suas necessidades, realidades e dinâmicas de opressão é manter-se fiel com a nossa ancestralidade compartilhada da fé. A obediência para uma realidade encarnada que está centrada num discipulado moldado pela cruz não pode ser de outra forma, mas sim apegada a um sentimento mais novo e mais profundo do chamado de Deus sobre nós para praticarmos o discipulado como um acordo corporativo. Concordamos que o momento crucial de nossa história será localizado num momento sobre um monte, com uma vítima torturada e um homem sentenciado à morte no centro, com uma declaração de perdão no coração; uma rejeição de vingança e violência entrelaçada com o jardim da traição, e como a execução criminal cativa observadores que declaram uma verdade naquele momento, somos também contadores de história cativados. “Certamente este é o Filho de Deus”. As nossas vidas compartilhadas buscam fielmente o ser-os mesmos caminhos de vida de obediência da cruz-que tomamos como o Salvador ressurreto que seguimos.

O significado de **acordo corporativo** é importante. Esse caminho é muito difícil sem outros na jornada. O discipulado que nos centra no caminho da cruz torna-se uma prática compartilhada, onde a verdade é falada e nos remete a Cristo naqueles momentos onde nos perderíamos. Esse discipulado é formado por uma leitura compartilhada das Escrituras juntos uns dos outros, onde nos submetemos a ouvirmos de forma nova os textos que nos formam – abertos a novas interpretações, perspectivas, ideias, algumas que podem nos confundir. Isso nos leva ao local de nossas raízes – onde estamos em aliança com Deus e com a comunidade para a qual Deus nos trouxe. Essa é uma obediência compartilhada para uma realidade quase paradoxal – a

tradição que nos leva para o que passou e a interrupção que nos leva para o que virá. Esse discipulado é comprometido com os idosos e com as formas antigas de nossa fé ao mesmo tempo que leva entendimentos estáticos do passado para uma fé viva dinâmica: barreiras são cruzadas pelo amor de Cristo. Há uma vitalidade participativa nesse tipo de discipulado – que faz (e exige) perguntas do ser, mas culturas onde habitamos, que busca o bem e o celebra como graça comum, mas identifica o trauma e a opressão verdadeiramente. E, tendo ouvido/visto sofrimento e destruição, injustiça e violência com um desejo compartilhado, esse tipo de discipulado trabalha para o plano de restauração e redenção. Ele alinha o corpo de Cristo corporativamente – mesmo que ele não pareça nada popular – com a parte inferior da história, pessoas e lugares.

Esse tipo de discipulado corporativo provavelmente não deve ter a mesma aparência em todo lugar. A cruz pode, mas os discípulos, seguindo Cristo, podem muito bem encontrar-se lidando com a sua salvação de forma única, com medo e tremor, perdoadora de pecados, carregadora de esperança, centralizada na verdade, é clara, mas, como Paulo reconheceu, a poesia e a canção de diferentes países moldam a linguagem de comunicação das boas novas encontradas em Cristo. Eu percebo que isso pode parecer ‘vago’, mas isso também parece ser comandado pelas Escrituras – disposição radical para seguir o caminho de Deus da cruz, e, quanto mais fidelidade para seguir estiver envolvida nesse tomar, mais ele atua, encarna, testemunha de forma distinta em nossas comunidades globais –mas por amor a Jesus, que é nosso Senhor.